

Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação da Intercom: quem somos, onde estamos, o que estudamos e quais horizontes nos desafiam¹

Ana Luisa Zaniboni GOMES²

Eliana NAGAMINI³

Rose Mara PINHEIRO⁴

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Faculdade de Tecnologia São Paulo, São Paulo, SP

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

Resumo

Este artigo refere-se a uma investigação recente junto a integrantes do Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação da Intercom com o propósito de delinear o perfil acadêmico e profissional desses pesquisadores, conhecer suas vivências, suas produções, e reconhecer seus interesses de pesquisas a curto, médio e longo prazos. Além de viabilizar o resgate documental e histórico indicativo da molecularidade e do enraizamento das práticas educativas em andamento e/ou já consolidadas em seus territórios de atuação cotidiana, a investigação gerou como subproduto um mapeamento bibliográfico atual do campo de estudos - o que certamente ajudará, desde já, a fortalecer a identidade do grupo, legitimar ainda mais suas ações e dinamizar projetos atuais e futuros - sejam individuais ou coletivos.

Palavras-chave: comunicação e educação; educomunicação; GP Comunicação e Educação; interfaces comunicacionais.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado em Joinville, em setembro de 2018.

² Jornalista profissional diplomada, diretora de projetos da OBORÉ e pesquisadora bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutoramento (PNPD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP. Email: analuisagomes@usp.br; analuisagomes@obore.com

³ Bacharel em Letras e Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP). Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes (USP). Docente no curso de Automação de Escritórios e Secretariado da Faculdade de Tecnologia São Paulo, do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. Email: eliananagamini@usp.br; eliananagamini@fatecsp.br

⁴ Docente do curso de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). Possui Doutorado em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, na área de Educomunicação, e Pós-Doutorado na Faculdade Cásper Líbero (bolsa Capes). Sócia fundadora da ABPEducom (Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais da Educomunicação), onde foi diretora de Assuntos Profissionais e Formação Continuada (gestão 2014-2016), e membro do NCE/USP (Núcleo de Comunicação e Educação). Email: rose.pinheiro@ufms.br

Introdução

Um dos desafios permanentes apresentados à comunidade científica nacional refere-se à sua própria capacidade de traduzir criticamente os grandes problemas sociais que ainda assolam o Brasil neste novo século e de ajudar a respondê-los. Sendo assim, no caso dos pesquisadores da área da Comunicação, a nós está permanentemente reapresentado o papel de também elaborar devolutivas capazes de traduzir, no cotidiano, o discurso formal da ciência, facilitando sua aplicação e socialização. Como responder a isso? Como traduzir e construir, ainda no caminho exploratório da pesquisa, espaços comunicativos facilitadores e mediadores das nossas produções? De que natureza seriam? A quem e para quê serviriam? Quem mais poderia e quererá estar conosco neste percurso?

Ao recuperar o sentido real ou figurado das travessias nas diversas formas de sociedade, escreveu Octavio Ianni (2000) que todo cientista se propõe a algum percurso quando estuda, ensina ou pesquisa. O pesquisador, assim como o viajante, nunca está sozinho porque o movimento da travessia é sempre coletivo – “nós” saímos em busca dos “outros” a partir da descoberta e da construção de métodos e caminhos de mundo que não estão traçados.

O alargamento das margens do campo da Comunicação e sua aproximação e entrosamento com outros campos do saber, em especial o da Educação, estão redefinindo as grandes questões instaladas tanto interna quanto externamente em ambas as áreas, potencializando e atualizando suas teorias e *práxis*, influenciando no estado da arte de suas produções. Sendo assim, estão provocando, tecendo e sustentando, nas condições atuais de nossas instituições de ensino e pesquisa, a tão aclamada e necessária interdisciplinaridade. Nesse sentido, parece aqui bastante adequado o mote popular da década de 1970 do compositor Gereba⁵ quando afirma que “tudo liga tudo e liga todos que precisam se ligar”.

Em tal contexto é que está assentado o Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação da Intercom. Criado formalmente em 2001, aglutina pesquisadores não só das áreas da Comunicação e da Educação como também da Pedagogia, das Licenciaturas e

⁵Gereba Barreto, compositor baiano, violonista, arranjador e produtor da música popular brasileira, um dos criadores do grupo Bendegó.

da Educomunicação. Além disso, estudiosos de outras áreas, como Música, Saúde e Humanidades em geral, também têm apresentado suas reflexões nos espaços de atividades do GP com pesquisas oriundas de territórios educativos formais, informais ou não-formais. Haja vista a preocupação fundante do GP de dedicar-se a temas concernentes aos vínculos estabelecidos entre Comunicação e Educação, grande parte das discussões ali mantidas são as reconfigurações do mundo contemporâneo, onde cada vez mais os dispositivos formativos e educacionais são tangidos e embalados pelo universo da comunicação e das tecnologias.

A nascente interdisciplinar que justifica a criação do GP e as discussões por ele abraçadas desde a sua criação, nos anos 2000, tem origem remota. Como aponta Citelli (2002), relatos de experiências de aproximação entre os campos da Comunicação e da Educação são das décadas de 1930 e 1940 e derivam das inquietações frente à expansão dos meios de comunicação no século XX. Podemos considerar três abordagens básicas nesses estudos, a partir das quais se destacam pontos de convergência, possibilidades de interrelação e desafios. A primeira destaca que a vulnerabilidade aos apelos midiáticos podem influenciar na formação de hábitos socialmente negativos. A segunda abordagem defende que fatores culturais, sociais e contextuais relativizam o poder dos veículos de comunicação e a terceira considera os meios de comunicação como criadores de consensos e legitimadores de poder. Nessas lógicas, à mídia deveria se opor uma educação libertadora e democratizadora. Em comum, as três vertentes referem-se a formas de apreensão do mundo e evidenciam a necessidade de a Educação ampliar o diálogo com formas discursivas geradas fora de seus espaços tradicionais. Vamos a cada uma delas.

Educomunicação: um novo campo científico

Os lugares de reflexão e intervenção da nova prática metodológica expressa no conceito de Educomunicação foram se constituindo ao longo do século XX por estudos teóricos emanados de autores como Célestin Freinet, Mário Kaplun, Paulo Freire, Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco-Gómez.

Nos anos 30 do século XX, Freinet fazia uso da comunicação impressa como forma de estimular a expressão dos alunos, já que para ele educação era sinônimo de expressão. Freire, já na década de 1960, iluminava o caráter dialógico dos processos

comunicacionais ao reafirmar a concepção da “educação para os meios” como atividade inerente aos programas de alfabetização e de educação popular. Kaplún, nos anos 1970, definiu o comunicador educativo como o responsável por atuar com ações comunicativas nos espaços educativos para produzir e desenvolver o que denominou de “ecossistemas comunicativos” e lançou o conceito de educomunicador. Martín-Barbero, na década de 1980, sistematizou a teoria das mediações e deu grande significado à relação entre Comunicação, Educação e Cultura. Orozco-Gómez, também nos anos 1980, apontou a importância das linguagens midiáticas no processo de formação para uma “alfabetização audiovisual”.

No final dos anos 1990, Soares consolidou levantamento sobre as práticas integradas da Educação e da Comunicação na América Latina. A pesquisa considerou que as transformações profundas nas Ciências Humanas vinham acarretando a eliminação das fronteiras, dos limites, das autonomias e das especificações dos diversos campos do conhecimento. Demonstrou que a inter-relação Comunicação Social e Educação ganhava densidade própria e se afigurava como um campo de intervenção social específico vivenciado em quatro áreas concretas: Educação para a Comunicação; Mediações Tecnológicas na Educação, Gestão Comunicativa e Reflexão Epistemológica. Seus principais desafios centravam-se na formação dos profissionais deste novo campo através de cursos regulares, em nível de graduação, de especialização e pós-graduação, e na validação do campo junto aos órgãos financiadores de projetos e pesquisas.

Ao rerepresentar a definição de Educomunicação, Soares destaca que os objetivos do novo campo são promover o acesso democrático dos cidadãos à produção e difusão da informação; desenvolver práticas de educação para a recepção ativa e crítica dos meios, facilitar o processo de ensino-aprendizagem através do uso criativo dos meios de comunicação e promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade educativa. Segundo o autor, trata-se de um

[...] conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos e melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2002, p.115).

Mídia-Educação: abordagem multidisciplinar

Desta perspectiva, reconhece-se a influência dos meios digitais nos conceitos de ensino e aprendizagem. Lembra Citelli (2002) que os países latino-americanos apresentaram uma particularidade quanto à sua história cultural: passaram rapidamente do plano discursivo-verbal para os meios audiovisuais. Particularmente no Brasil, sua extensão territorial e seus problemas de escolaridade fizeram com que a televisão e o rádio se tornassem a principal forma de entretenimento e a principal fonte de informação para grande parte da população. Nesse contexto, as estratégias de ensino-aprendizagem para os meios e os estreitamentos dos diálogos escola-mídia solicitaram reflexões e cuidados teóricos e metodológicos com processos como a leitura crítica da comunicação, a educação para os meios, a comunicação educativa e a pedagogia da imagem a partir de grandes linhas: a) discussão de como a escola se relaciona com as novas tecnologias e as mensagens geradas pelas mídias; b) produção de materiais diferenciados e capazes de subsidiar o sistema escolar no trabalho com a televisão, o rádio e a informática, por exemplo, e c) programas de formação continuada dos educadores em serviço voltados especificamente à interface Comunicação-Educação.

Ao discorrer sobre a perspectiva da Mídia-Educação, Maria Luiza Belloni (2001) discute o papel das TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação e analisa se essa informação sem dono, sem método, sem critério aparente e sem filtro corrobora ou contradiz o que é ensinado na sala de aula. Para a autora, a mídia passa a ser parte integrante da Educação quando a sala de aula, o livro didático e o professor já deixaram de ser a única fonte e referência para o aprendizado dos alunos - dado que elementos de Educação podem ser buscados em qualquer parte, tanto por meio da Internet como nos meios de comunicação, especialmente a televisão. Mas considera que as TIC podem ser um excelente suporte de ensino-aprendizagem por seu aspecto mobilizador e aglutinador desde que se proponham a uma abordagem criativa, crítica e interdisciplinar do conhecimento.

Interface: espaço de experimentação e risco

Braga e Calazans (2001) consideram que a importância da Comunicação na sociedade evidencia-se, principalmente, pelo desenvolvimento de processos midiáticos,

pela geração de procedimentos públicos de comunicação social e pela sua penetração nas instituições e em atividades sociais. Portanto, para abordar as relações entre Comunicação e Educação é preciso observar o surgimento das questões comunicacionais diretamente no campo educacional e relacionar os dois campos em interação. São as chamadas comunicações educacionais. Para os autores, a questão educacional é central no desenvolvimento das novas interações da Comunicação Social: “a cada invenção tecnológica, a sociedade atribui aos processos comunicacionais uma expectativa educacional” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 10). Nessa perspectiva, Comunicação e Educação são campos que se invadem mutuamente constituindo uma interface, com lógicas diferenciadas. Por estarem ambos os campos em permanente reconstrução, a interface torna-se um espaço de experimentação e risco, já que pode se prestar tanto a posicionamentos generalizados e simplificadores de deslumbramento em relação aos processos tecnológicos quanto depender de muita experimentação, pesquisa e reflexão tal sua complexidade.

Na interface, uma das reflexões vitais é a questão da aprendizagem, que não é consequência apenas da Educação. Como desde o Iluminismo à escola foi reservada a tarefa da socialização, sobre ela recaem as expectativas sociais para o direcionamento e a intencionalidade do ensino-aprendizado. Entretanto, há outros lugares importantes para este processo como a família, o espaço público social e os ambientes profissionais. As aprendizagens do campo midiático, por sua vez, induzem a modificações no sistema educacional porque ampliam as informações disponíveis, oferecem imagens, criam contatos e aceleram interações; mas isso ainda é apenas acesso à informação já que é na interpretação que ocorre a aprendizagem. Para Braga & Calazans, os grandes desafios impostos hoje à escola referem-se ao fato de que os processos sociais externos ao espaço escolar concorrem com a sala de aula, multiplicando ocasiões e estímulos relevantes aos alunos. Por isso, à escola cabe promover a socialização crítica e oferecer acesso à competência seletiva e interpretativa - ou seja, o foco do aprendizado deve ser a valorização do trabalho interpretativo sobre a informação.

A Intercom e seus grupos de pesquisa

A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom - foi criada em 1977 por profissionais, docentes e pesquisadores da área

da Comunicação com o propósito de estimular o relacionamento entre pesquisadores e profissionais atuantes no mercado, compartilhando pesquisas e informações de forma interdisciplinar. Além de incentivar o desenvolvimento da produção e divulgação científica entre especialistas, mestres e doutores, abre espaços também para atividades de alunos e recém-graduados em Comunicação, reconhecendo autores cujas produções se destacam nos encontros, simpósios e congressos promovidos pela entidade⁶.

Os 32 atuais Grupos de Pesquisa da Intercom, criados com o propósito de estabelecer diálogos e fomentar pesquisas em áreas de interesse comum, estão agrupados em oito Divisões Temáticas: DT1 – Jornalismo; DT 2 – Publicidade e Propaganda; DT 3 – Relações Públicas e Comunicação Organizacional; DT 4 – Comunicação Audiovisual; DT 5 – Comunicação Multimídia; DT 6 – Interfaces Comunicacionais; DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania; DT 8 – Estudos Interdisciplinares. O Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação está ancorado nas Interfaces Comunicacionais (DT 6), junto a grupos de pesquisa como Comunicação e Esporte; Comunicação e Culturas Urbanas; Comunicação, Música e Entretenimento; Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade; Produção Editorial.

Os congressos nacionais, em especial, são o principal ponto de encontro dos grupos de pesquisadores e têm como objetivo propiciar a troca de conhecimento, estimular a produção científica e contribuir para a formação acadêmica e de futuros profissionais; decorre dessa perspectiva, a relevância dos debates sobre a interface Comunicação e Educação.

Algumas contribuições do Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação

Ao longo desses anos de Intercom, alguns pesquisadores se debruçaram sobre os caminhos das pesquisas na interface Comunicação e Educação, com denominações como Educomunicação, Mídia-educação, Comunicação e Educação. As contribuições conceituais consolidaram a relevância dos debates na busca de processos formativos

⁶ Todo o histórico de criação e atuação da Intercom, registros de atividades e produções editoriais estão disponíveis em www.portalintercom.org.br

condizentes ao cenário contemporâneo, cuja centralidade da Comunicação não é mais questionada. (Citelli, 2014; 2017).

Messias (2017) identifica nos arquivos dos congressos regionais e nacionais realizados pela Intercom, no período de 1999 a 2016, forte ascensão do conceito de Educomunicação em apresentações no Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação, e vínculos teóricos atribuídos ao precursor da área, Ismar de Oliveira Soares. Nos Congressos Nacionais, do levantamento de 1999 (Intercom-RJ) a 2016 (Intercom-SP), Messias destaca que

“No ano de 1999 temos Ismar de Oliveira Soares e Eliany Salvatierra Machado adotam pela primeira vez, em dupla autoria, o conceito “educomunicação” em *paper* apresentado no congresso nacional anual da Intercom. Dez anos depois, no congresso realizado na Universidade de Caxias do Sul, no Grande do Sul, havia 9 *papers* inscritos relatando práticas da inter-relação comunicação/educação mediante aos pressupostos teorizados por Soares (1999). Meia década adiante, em 2016, com o retorno de um congresso anual da Intercom à USP, foram apresentados 27 trabalhos científicos com o emprego conceitual e etimológico da educomunicação.” (MESSIAS, 2017, p.3)

Desses encontros, observa-se a consolidação de linhas teóricas que, em suas tensões e distensões, dialogam durante as apresentações dos *papers*, pois

“Nesse território de circulação de debates e embates, qual seja, a distribuição de grupos de trabalho nos - e durante os - congressos anuais da Intercom, ocorre a divisão de forças a que faz menção Bourdieu (1997). Se, por um lado, estão os *papers* cujos autores identificam suas práticas como relacionadas à educomunicação, por outro, igual fenômeno, na perspectiva epistemológica, é denominado, por exemplo, como comunicação e educação ou mídia-educação. (2017, p.8)”

Isso mostra o avanço do grupo de pesquisadores, coerente com as questões conceituais do campo, que é ser dialógico e aberto para visões distintas que, mais do que excludentes, são complementares. E acerca das divergências, todas caminham para um mesmo ponto: a defesa dos direitos dos cidadãos à educação.

Acrescente-se aqui a análise de Tomita e Costa no artigo “A Interface Comunicação e Educação em Congressos Científicos: Diferenças e Aproximações”, sobre pesquisas apresentadas no GT Educação e Comunicação da 33ª. Reunião Anual da Anped (Associação Nacional dos Pesquisadores em Educação) e no GP Comunicação Educativa do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. As

pesquisadoras apontam que as linhas teóricas da Comunicação e da Educação, na especificidade de seu campo científico, convergem para pontos comuns, isto é,

“Discutir os diversos aspectos que envolvem a relação entre as duas áreas contribui para refletir sobre as práticas e as perspectivas diante da complexidade que envolve a compreensão dos sujeitos no processo. (2011, p. 9)

Destacam ainda que as Mediações Tecnológicas aproximam os dois campos, “seja por ser o universo multimidiático uma referência cultural e de informação dos estudantes, seja por promoverem linguagens compatíveis às novas formas de aprender” (TOMITA e COSTA, 2011, p. 10).

Isso explica a presença de autores como Martín-Barbero (1996; 1997; 2014) que nos esclarece, em seus estudos, o conceito de mediações e suas implicações nos processos formativos formais, informais e não formais, bem como Orozco-Gómez (2014), que já nos apontou a necessidade de se criar estratégias para o desenvolvimento da recepção crítica dos meios, levando-se em consideração as especificidades da linguagem midiática. No GP de 2014, por exemplo, dos 50 artigos apresentados, seis traziam questões epistemológicas sobre a interface Comunicação e Educação, sete tratavam da formação nos vários níveis de escolarização e as relações com processos comunicativos, e trinta e sete apresentavam estudos sobre as várias linguagens em espaços educativos - número significativo no que se refere às linguagens midiáticas.

Obviamente, todos os trabalhos contribuem, de alguma forma, para refletirmos sobre teoria, metodologia, linguagens e interfaces – perspectivas que ora nos aproximam ora nos distanciam e se revelam neste grupo reunido na fronteira da Comunicação e da Educação. Responder quem somos, onde estamos, o que estudamos e quais horizontes nos desafiam poderá nortear caminhos para construir, cada vez mais, ecossistemas comunicacionais em espaços educativos – ou seja, territórios prenhes, possíveis e passíveis de transformação social.

Quem somos, onde estamos e o que estudamos

Referendando a decisão dos membros do GP na sua reunião anual, em setembro de 2017, em Curitiba (PR), Ana Luisa Gomes e Rose Pinheiro assumiram, respectivamente, a coordenação e a vice coordenação do GP no biênio 2018-2020 em substituição a Eliana Nagamini. A diretoria científica da Intercom oficializou a indicação

em meados de janeiro de 2018. Desde então, o desafio é planejar e organizar o trabalho da gestão.

Após criteriosa revisão cadastral de associados nucleados e/ou participantes regulares do Grupo de Pesquisa dos últimos três anos, foi preparada uma pequena pesquisa para ajudar a delinear o retrato do GP, como perfil dos integrantes, atividades atuais e interesses de pesquisas a curto, médio e longo prazos, bibliografia de referência para o campo. Aplicada durante os meses de abril e maio de 2018, o objetivo da investigação foi estreitar laços, fortalecer a identidade do grupo e garantir legitimidade às ações desenvolvidas por cada pesquisador ou pesquisadora.

O GP Comunicação e Educação é formado, atualmente, por 82 pesquisadores ativos, com produções relevantes e dinamizadoras de nosso vasto campo de estudos. Dados obtidos dos 45 respondentes (55% dos integrantes do GP) apontam que grande maioria tem mais de 40 anos de idade (70%) e é oriunda de cursos de Comunicação Social (60%), Letras (18%) e Pedagogia (14%).

Importante aqui observar três aspectos que envolvem a gênese curricular dos integrantes do GP: o primeiro deles é que dos 27 bacharéis em Comunicação Social, 22 são habilitados em Jornalismo (82%), dois em Relações Públicas, um em Publicidade e Propaganda e um em Radialismo; o outro ponto diz respeito ao fato de que metade dos graduados em Pedagogia indicam a Comunicação Social como segunda graduação (ou vice-versa). O terceiro aspecto - muito interessante e que já sinaliza o devir dos nossos estudos e de nossa característica diferenciada enquanto grupo - é a diversidade de campos disciplinares que buscam perspectivas acadêmicas e/ou profissionais assentadas nos estudos que envolvem a relação Comunicação / Educação ou Educomunicação. Exemplos citados na pesquisa: Educação Artística, Artes Plásticas, Música, Design Gráfico, Design Industrial, Administração, Marketing, Educação Física, Engenharia de Alimentos, Engenharia Elétrica, Geografia e História.

Nossa amostra também revela que o GP é formado majoritariamente de pesquisadores doutores (92%), sendo que 78% do grupo percorreu ampla trajetória na pós-graduação – especialização, mestrado e doutorado. Segmentadas, podemos apontar que 35 pesquisadores cursaram Especialização em áreas ligadas à Comunicação (Gestão da Comunicação, Comunicação Audiovisual, Científica, Educacional e Pública), mas sobretudo à Educação (Docência do Ensino Superior, Ensino de Artes, Educação Ambiental, Educação de Jovens e Adultos) e à Educomunicação (Educação em

Ambientes Virtuais, Mídias na Educação, Tecnologias Interativas Aplicadas à Educação, Educação, Comunicação e Novas Tecnologias). A totalidade dos membros do GP possui Mestrado, sendo 56% na área da Comunicação e 20% na Educação. Quanto aos 41 pesquisadores com Doutorado, mais de 50% recebeu titulação na área das Ciências da Comunicação e cerca de 20% advém da área da Educação.

Vale destacar que cerca de 70% dos pesquisadores de nossa amostra vive na região Sudeste, grande maioria no estado de São Paulo. A região Sul concentra 18% da amostra, enquanto que na região Nordeste e Centro-Oeste estão, respectivamente, 17% e 5% dos colegas. Sessenta e sete por cento deles são docentes do ensino formal em 31 Instituições de Ensino Superior, das quais 19 são públicas e 12 privadas. Seis colegas acumulam cargos de docência e direção ou coordenação na instituição escolar.

Quais horizontes nos desafiam

Uma das questões mais importantes e significativas respondidas pelos pesquisadores refere-se aos desafios atuais que enfrentam no cotidiano e que, de certa forma, influenciam suas trajetórias pessoais, profissionais e também suas produções acadêmicas. As observações coletadas são de várias naturezas. Optamos aqui por destacar as que apresentam caráter mais coletivo que individual e categorizá-las em três eixos: Atualidade, Publicização e Disponibilidade. Vamos a eles.

Eixo 1 – Atualidade

Nesta categoria estão elencadas observações que se referem aos desafios de manterem-se em dia com os estudos produzidos na área e, com isso, imprimirem atualidade às produções do campo. Exemplos disso são afirmações como:

- Localizar e utilizar fontes novas de referências para a área da Comunicação
- Manter-se atualizado diante das modificações constantes das tecnologias
- Conseguir dar conta da construção do estado da arte conceitual das pesquisas diante de tudo o que há disponível
- Conciliar diferentes áreas do conhecimento numa trajetória transversal/interdisciplinar

Eixo 2 – Publicização

Aqui ressoam exigências e necessidades da vida acadêmico-científica de socializar as produções e propósitos de aliar teoria à prática, ou seja, buscar espaços cotidianos de aplicação prática dos conhecimentos adquiridos na academia. Tais desafios são assim expressos:

- Viabilizar publicações científicas de qualidade e que promovam mais e melhores reflexões
- Organizar e publicar os saberes resultantes de um longo processo investigativo acadêmico, de maneira sintética e objetiva
- Produção acadêmica e científica que tenham sentido social e mobilizem para mudanças.
- Aplicar os resultados das pesquisas da Comunicação no dia a dia do Ensino Superior
- Encontrar espaço para aplicar, na prática, projetos voltados à Educomunicação

Eixo 3 – Disponibilidade

Equacionar o tempo para a pesquisa e outras inúmeras demandas que recaem sobre o professor ou pesquisador é desafio permanente, na opinião de grande parte dos respondentes. Junte-se a isso a redução das verbas dedicadas à Educação como um todo, a projetos educacionais e/ou às pesquisas em nível superior. As principais citações são:

- Lidar com as demandas de atividades da Pós-Graduação
- Disponibilizar tempo necessário ao planejamento e execução dos projetos
- Conciliar trabalho e pesquisa
- Produzir pesquisa sem recursos ou financiamentos

Conclusão

“O exercício das nossas perplexidades é fundamental para identificar os desafios a que merece a pena responder. Afinal, todas as perplexidades e desafios resumem-se num só: em condições de aceleração da história como as que hoje vivemos é possível pôr a realidade no seu lugar sem correr o risco de criar conceitos e teorias fora do lugar?”

Boaventura de Sousa Santos

Iniciamos o artigo apontando que a capacidade de traduzir criticamente os grandes problemas sociais que ainda assolam o país, neste novo século, e de ajudar a respondê-los, ainda é um dos muitos desafios apresentados à comunidade científica nacional, especialmente aos que atuam em áreas como Comunicação e Educação. Questões como alfabetização, leitura, escrita, inclusão social e redução das desigualdades, objeto de milhares de dissertações, teses e pesquisas acadêmicas da área das Ciências Humanas desde os anos setenta do século passado, permanecem atuais tanto nas pautas prioritárias das políticas públicas das diversas esferas de governo quanto no cotidiano do nosso povo. Isso, sem dúvida, recoloca à Universidade o papel central de elaborar e reelaborar investigações capazes de dar suporte ao entendimento e às transformações do mundo. Nesse sentido, o Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação da Intercom está também desafiado a ser mais um eixo propulsor dessa engrenagem civilizatória.

Vimos que o GP aglutina atualmente 82 pesquisadores, grande maioria doutores com mais de 40 anos de idade, forjados nos cânones da Comunicação Social, das Letras e da Pedagogia. Concentrados na região Sudeste, atuam como docentes do ensino formal em IES públicas e privadas. Seus desafios estão concentrados em manter atuais seus estudos acadêmicos e, assim, imprimir atualidade às produções do campo. São sensíveis às inúmeras demandas que recaem sobre o docente e pesquisador e também às exigências e necessidades da vida acadêmico-científica tais como publicar e socializar suas produções e buscar espaços cotidianos de aplicação prática dos conhecimentos adquiridos na academia.

Como dito anteriormente, responder quem somos, onde estamos, o que estudamos e quais horizontes nos desafiam é mais que um passaporte para viabilizar sonhos antigos e novos. Do que apenas começamos a elaborar a partir da pesquisa aqui em partes relatada, já desponta um importante subproduto que é a versão inicial da bibliografia de

referência do nosso campo investigativo.⁷ Outro material valioso para o GP e seus pesquisadores consta da lista de desafios do biênio: a organização de uma obra coletiva, de âmbito nacional, compartilhando experiências exitosas em Comunicação e Educação, nas cinco regiões do país, em processos educativos formais, informais e não-formais. Trata-se de importante iniciativa documental e histórica que nos indicará a todos a molecularidade e o enraizamento de nossas práticas em nossos territórios locais cotidianos. No mais, fica a certeza de que todos - e cada um dos integrantes do GP - continuaremos solidários e empenhados no fortalecimento do nosso campo de estudos, de nossas produções acadêmicas e de nossas vivências educativo comunicativas que tanto nos estimula, nos move, nos orgulha.

Referências bibliográficas

- BELLONI, M. L. **O que é Mídia-Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.
- BRAGA, J. L. e CALAZANS, M.R.Z. **Comunicação e Educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.
- CITELLI, A.O. Comunicação e Educação: aproximações. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org). **Gestão de Processos Comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2002.
- CITELLI, A. O. Comunicação & Educação: 20 anos. Uma trajetória para consolidar o campo da educomunicação. **Comunicação e Educação (USP)**, v. 19, p. 15-29, 2014.
- CITELLI, A. O. Comunicação e educação: nos entremeios da cidadania. In: Margarida Kunsch; Roseli Fígaro. (Org.). **Comunicação e educação. Caminhos integrados para um mundo em transformação**. 1ed. São Paulo: Intercom, 2017, v. 1, p. 91-105.
- IANNI, O. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- MARTÍN-BARBERO, J. Heredando el futuro. Pensar la educación desde la comunicación. **Nómadas**. n° 5 Bogotá, Universidad Central, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo, Contexto, 2014.
- MESSIAS, C. A educomunicação concebida nas quatro décadas de Intercom: um paradigma, novas acepções de visão de mundo. In: **Anais**. XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom, Curitiba, 2017.

⁷Disponível para consultas no portal da Intercom: <http://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-comunicacao-e-educacao>

NAGAMINI, E. Comunicação e Educação: perspectivas teóricas e metodológicas na Intercom, de 2011 a 2014. In: LAGO, C.; VIANA, C. E. (Orgs.). **Educomunicação: caminhos da sociedade midiática pelos direitos humanos**. São Paulo: ABPEducom/NCE-USP / Universidade Anhembi Morumbi, 2015., p. 316 – 324.

OROZCO GÓMEZ, G. **Educomunicação. Recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. São Paulo: Paulinas, 2014.

SOARES, I. O. Metodologias da Educação para a Comunicação e a Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, Maria M. Ap. **Gestão de Processos Comunicacionais**, São Paulo, Atlas, 2002.

TOMITA, I. e COSTA, R.M.D. A Interface Comunicação e Educação em Congressos Científicos: Diferenças e Aproximações. In: **Anais**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom, Recife, 2011.